

## CARTOGRAFIAS DE UMA PROFESSORALIDADE FEMININA: RASTROS DE UMA (RE)EXISTÊNCIA NO CONTINUUM

### *ET 17 - Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação Docente*

Valéria Pinho Correia <sup>1</sup>  
Jadla Morais Menezes <sup>2</sup>  
Ana Lúcia Gomes da Silva <sup>3</sup>

#### **Resumo**

A profissionalização docente é resultado de muita luta e resistência. Este estudo investigativo toma a docência feminina como objeto de estudo, com ênfase nos atravessamentos de gênero, raça e sexualidade. Percorremos a profissão como cartógrafas, adotando a cartografia como estratégia política e de produção de conhecimento de uma docência feminina da re-existência. Como referencial teórico, dialogaremos com VILELLA (2016), PEREIRA (2013), SILVA, COSTA e PEREIRA (2018, 2021), e AUAD (2022). O trajeto da cartografia é múltiplo, as pistas do estudo nos apresentam que as narrativas carregadas de sentido sobre os gêneros explicaram/explicam como as mulheres têm constituindo suas subjetividades. É também no contexto da diversidade, da professoralidade que temos cunhado a docência feminina.

**Palavras-chave:** Docência feminina, Professoralidade, Cartografia, Gênero, Raça.

#### **Rastros iniciais das narrativas sobre as mulheres em sala de aula**

Defendemos a professoralidade como um processo de formação, construção de si e de sua processualidade profissional, como uma marca e singularidade que vai constituindo a profissão docente, direcionamos essa discussão cuja ênfase se dá em relação ao gênero feminino e o estar sendo professora. Buscamos entender, como diz Pereira (2016), “Como é que se é professor? Como é que alguém se torna professor? Por que ser professor? Como é que se dá essa escolha, essa decisão? Como se operacionaliza isso no sujeito?”. De modo que, deve se compreender que a formação docente é indissociável à subjetividade na trajetória

---

<sup>1</sup>Graduanda no Curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas - (UNEB) / Bolsista de IC pelo Cnpq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e membro do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior - DIFEBA- Uneb - <http://difeba.uneb.br/> Difeba. E-mail: [correia.valeriauneb21@gmail.com](mailto:correia.valeriauneb21@gmail.com);

<sup>2</sup>Graduada no Curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas - (UNEB) / Mestranda em Educação e Diversidade (MPED/UNEB) e membro do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior - DIFEBA- Uneb - <http://difeba.uneb.br/> Difeba. E-mail: [jadlinha@hotmail.com](mailto:jadlinha@hotmail.com);

<sup>3</sup>Docente titular da Universidade do Estado da Bahia do Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED/ UNEB). Pós-doutora em educação pela UFTM e líder do Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior - DIFEBA/Uneb. E-mail: [analucias12@gmail.com](mailto:analucias12@gmail.com).

de cada professora que aqui se propõe a problematizar a apresentar pistas da formação que as atravessa com docentes em devir, sendo professoras, em contextos de diversidade, interrogadas e atravessadas por seus gêneros, raças e sexualidades. Como se constitui a docência feminina? Como temos buscado cunhar a docência feminina?<sup>4</sup> Em que se diferencia da docência no geral?

Nesse caminhar concluímos que, a universidade não é a única que contribui com nossa formação, segundo Tardif (2002) *apud* Powaczuk (2009), “um professor tem uma história de vida, é um ator social, têm emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo umas culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos nos quais se inserem”, as mulheres na docência são atravessadas e diretamente formadas por suas vidas sociais e profissionais. Também foram ao longo do processo da profissionalização estereotipadas por distintos adjetivos, como nos apontam os estudos de Guacira Louro (2008)<sup>5</sup> e da feminista Nísia Floresta (1853) que de modo, lúcido e visceral sintetizaram que as mulheres na docência demarcaram uma história de subversões.

Deste modo, não se pode jamais pensá-las apenas como subjugadas, sob o risco empobrecer demasiadamente sua história, uma vez que, mesmo nos momentos e nas situações em que mais se pretendeu silenciá-las e submetê-las, elas também foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, subverter comportamentos e (re)existirem, como muito bem sabemos fazer, pois seguimos (re)existindo tanto na educação básica quanto superior. Não apenas para demarcar nossa produção de conhecimento e práticas pedagógicas sustentadas na pedagogia feminista, mas sobretudo para não invisibilizarem nossas histórias e nossas vidas, para atuarmos junto e de modo igualitário com os homens e estarmos nas esferas de poder.

A docência feminina durante muito tempo esteve relacionada como algo vocacional, considerada, na maioria das vezes, como habilidade natural do feminino. Faz-se a entrada das mulheres na educação realidade, mas não como algo natural e sem tensionamentos como

---

<sup>4</sup>Esta questão investigativa é que temos estudado e buscado respostas através do subprojeto de pesquisa da IC, intitulado: “ *A PROFESSORALIDADE DA DOCÊNCIA FEMININA: novos modos de tornar-se docente em devir*”, orientado pela prof<sup>a</sup> Ana Lúcia Gomes da Silva e vinculado ao projeto guarda-chuva da pesquisa interinstitucional Minas e Bahia, intitulado: *Ensino Superior e Escola Básica em rede colaborativa: A Formação de Professores em pauta*.

<sup>5</sup>Para aprofundamento da história acerca das mulheres em sala de aula ver os estudos de Guacira Louro (2008) que nos apresenta o contexto das lutas travadas pelas mulheres no magistério e como este processo demarca algumas décadas da história das mulheres nas salas de aula, lidando com representações, doutrinas, práticas sociais que instituíram homens e mulheres na sociedade brasileira. e Nísia Floresta, (1853), que de modo transcendente ao seu tempo, nos traz na obra “Opúsculo humanitário”, artigos antes publicados nos jornais “O Diário do Rio de Janeiro” e “O Liberal”. A autora combate o modelo educacional vigente à sua época e lança propostas inovadoras para a educação no Brasil.

parece ser apresentado em muitas narrativas. Deste modo, aliado a um conjunto de fatores, estes, serviram para atrair a mulher para a área da educação.

O objeto de estudo desta pesquisa, configura-se como um referencial bibliográfico acerca da professoralidade, na interface com pistas da experiência das docentes em suas auto cartografias, no qual comprova que nós mulheres na docência somos atravessadas e diretamente formadas por nossas vidas sociais e profissionais e que essa narrativa da “vocação natural da mulher ao magistério” foi iniciada pelos pais, médicos, clero e governantes que acreditavam na ternura como qualidade natural da mulher.

### **Rastros cartográficos de uma docência feminina da (re)existência**

Percorremos como cartógrafas dessa pesquisa, uma estratégia política e de produção de conhecimento de uma docência feminina da (re)existência. Afirmando um método de pesquisa que apresenta um meio processual, não trazendo seu fim ou objetivo. Mas, sim, pensando na subjetividade feminina-docente em seu processo. O trajeto da cartografia é múltiplo, logo, cartografar é acompanhar os diferentes processos, em múltiplos terrenos-territórios da educação básica e superior em que somos forjadas em nossos atravessamentos dos marcadores sociais das diferenças que nos constituem pelo nosso gênero, raça, sexualidades. Distintas mulheres que ocupam e se ocupam da docência e percorrem seus processos (auto)formativos tensionando a docência e ao mesmo tempo apresentam suas experiências em contexto de diversidade, compreendida aqui com princípio onto-epistemológico e formativo.

As duas primeiras autoras, apresentam rastros de suas experiências da docência na educação básica e ainda da co docência que estão experienciando com a última autora, na orientação da pesquisa de ambas e na atuação junto a equipe de pesquisadoras da pesquisa guarda-chuva a qual estão vinculadas, na parceria da Universidade do Estado da Bahia com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).<sup>6</sup> Assim, entretecemos nossas experiências, que ora se bifurcam e se contrapõem, ora seguem fluxos e desejos comuns de produção de uma docência feminina entrecruzada por nossas dimensões pessoais,

---

<sup>6</sup>Pesquisa interinstitucional intitulada “Ensino Superior e Escola Básica em rede colaborativa: a Formação de Professores em pauta”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), “EDITAL 001/2018 - DEMANDA UNIVERSAL” PROCESSO NAPQ-02950-18, vinculado à “Rede de Pesquisa sobre a Profissão Docente”, composta pelas seguintes instituições: Universidade Federal do Triângulo Mineiro e Universidade do Estado da Bahia, campus Jacobina e vinculada à Rede de Pesquisa sobre a Profissão Docente. Ver coletânea publicada em 2022 com os resultados parciais da pesquisa disponível em ebook digital: [http://difeba.uneb.br/wp-content/uploads/2022/06/2021\\_REDE-COLABORATIVA\\_E-BOOK.pdf](http://difeba.uneb.br/wp-content/uploads/2022/06/2021_REDE-COLABORATIVA_E-BOOK.pdf). Acesso em 19. jun.2022.

sociopolíticas, ético estéticas (auto)formativas que nos constituem docentes inquietas, nômades e sobretudo pesquisadoras militantes em contínua formação. Este continuum traz rastros da atuação também na docência superior da terceira autora.

Deixamos nossos rastros como mulheres, acadêmicas, professoras e pesquisadoras em [...] uma teoria das mulheres em movimento, correspondente a variadas topografias feministas, que dizem respeito a uma teoria sobre mulheres que não se localizam e não se deixam localizar. (AUAD, Daniela; ROSENO, Camila, 2021). Cartografamos em *continuum*<sup>7</sup> e cotidianamente nós e outras de nós. Em uma outra produção de feminilidades com nossas professoralidades que lutam e resistem na educação básica e superior, sendo vivenciadas em uma cultura, ainda, propensa a um meio patriarcal. Lésbicas, trans, travestis, ainda, percorrem pelas brechas e nas margens da educação. Como re-existir por uma ocupação docente na educação básica e na educação superior da feminilidade e LGBTQIA+?

Nesse encontro de docência, assumimos como leitoras, professoras hetero, bisexual, mulheres negras lidas como pardas, mãe, solteira, casada, docente militante e feminista, interseccionada pelos marcadores de gênero, raça, classe social que se atravessam. Fomos afetadas na prática pedagógica pela diversidade como princípio educativo e suas dimensões sociais que nos move a buscar nas linhas de fuga – ou seja, nas desterritorializações, percebemos as condições de existencialidades outras, na universidade.

Este movimento desterritorializante tem nos afetado na escrita desta experiência. Percebemos que a diversidade que rasgava se apresentava a nós nas dimensões: socioeducativa, estética, política, na expressão das sexualidades, das relações de gênero, de classe, de raça e geração e que estas acionam outros modos de ser e estar na docência, pois transcende aos conceitos lidos, emergem a nossa experiência das práticas pedagógicas como dimensão e princípio que me provocam a pensar na professoralidade que me atravessa e estilhaça forma não lineares da docência de modo implicado. (SILVA, SILVA, 2022).

Ademais, nossa compreensão acerca da contribuição da cartografia para a pesquisa em educação foi evidenciada por Silva, Costa e Pereira (2018, 2021), no sentido de promover olhares que focalizem as dinâmicas dos processos educacionais enquanto rizomas, ou seja, como pontos oriundos dos diversos movimentos e oscilações dos processos no território

---

<sup>7</sup> A cartografia em seu plano de pensamento nos mobiliza a inferir sobre nossas práticas educacionais femininas em uma subjetivação de re-existir institucionalmente. Pois, A pesquisa cartográfica faz aparecer o coletivo, que remete ao plano ontológico, enquanto experiência do comum e, dessa maneira, é sempre uma pesquisa-intervenção com direção participativa e inclusiva, pois otencializa saberes até então excluídos, garante a legitimidade e a importância da perspectiva do objeto e seu poder e recalctrância. (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 266)

habitado, que se ramificam e se conectam, constituindo dimensões plurais delineando novos trajetos, novos mapas de linguagem, mais coerentes com a dinâmica existencial compartilhada, que gera não apenas a necessidade de invenções teóricas, mas também relações ontológicas, em que nos (auto) cartografamos como um inventariamento de si, de nós, de nossas experiências, experimentando o desconforto, a solidão, os desafios, as decepções e partilhas do processo que constitui o desterritorializar e reterritorializar-se de nossa professoralidade com mais propriedade.

Ao buscarmos entender os processos da nossa professoralidade e seus atravessamentos, de gênero, raça e sexualidades, pensamos em [...] reconstruir o saber e as formas de ser, preservando e respeitando a individualidade e a diversidade entre os sujeitos. Nessa falta de espaço, de identificações e reconhecimentos das singularidades, surgem as invisibilidades. (MENEZES; SILVA, 2021). Invisibilidade de ocupação, de existir, e de ser no espaço educacional. A sexualidade, orientação sexual, identidade de gênero são marcas subjetivas que se anunciam e demarcam o lugar de fala. E, ao demarcar esse lugar, nos colocamos em uma intervenção de militância. Vamos reiventando-nos no dia-a-dia, nas atitudes cotidianas e no ato de resistir às posições hegemônicas.

A cartografia é uma pesquisa-intervenção que exige que experienciemos o método adotado, que nos (auto)cartografemos, como nos inspiram , POCAHY, SILVA, DOURADO (2020), ao afirmarem que cartografar pode ser também uma forma de nos permitir ser lidos-devorados por mundos-outros e em com suas artistagens cotidianas que se endereçam a nós, mesmo que não queiram dizer particularmente algo sobre nós; e outros momentos não apenas querem dizer de nós, como nos fazem dizer algo. Neste texto em especial, dizemos da formação-prática docente - também compreendida como um plano de produção de cartografias e pesquisas-intervenções. Deste modo, os autores ressaltam que muitas vezes, muito mais do que cartografar, somos cartografados/as por práticas ou pelos sujeitos com quem estabelecemos alguma interlocução de/na pesquisa e na formação docente.

### **Rastros (in)conclusivos de uma ação-docente no/pelo movimento da experiência de (re)existir**

A cartografia como método se constitui do *corpus* das narrativas apresentadas nas pistas que engendram esta tessitura que enlaça nossas experiências, histórias e memórias leitoras em diálogo com os autores/as escolhidos para a tessitura deste artigo. Certas de que “Tudo tem um começo, tecido em tantos outros que se perfilam de ‘nós’, de rupturas, de entrelaces, de redes e fios que dialogam entre si” (Ana Lúcia SILVA, 2015, p.37), adentramos o terreno da

linguagem “[...] como possibilidade concreta de participação social, agudização do senso crítico, construção de sentido, defesa dos argumentos” (p. 37). Nessa perspectiva, nossas cartografias de uma professoralidade feminina é apresentada como rastros de uma (re)existência, em que para continuar existindo, resistimos, num processo de aquilombamento feminino que não se deixa definir, nem se invisibilizar.

Problematizar o que fomos, o que temos sido, é compreender o que não somos. É sobretudo, nos compreender como seres de produção de diferenças e de como cada uma de nós se põe no processo de produção de subjetividades. Diz respeito ainda ao desejo de nos tornarmos diferentes daquilo que vínhamos sendo, do querer vir a ser docentes em devir, mais humanas, mais militantes na produção da docência feminina que oportuniza o empoderamento dos sujeitos, balizadas pelas pedagogias feministas.

Deste modo, inferimos que são da ordem da dinamicidade e não linearidade, pois apostam, arriscam possibilidades de criação, de cruzamento de novas forças, dispendo-se a buscar o inédito de si, pois as compreendemos como instrumentos que oportunizam o empoderamento dos sujeitos, e defendem outra política de conhecimento, pois concebem as práticas pedagógicas como conhecimento científico autoral, produzido entre pares e em rede colaborativa.

### **Considerações finais**

Apresentamos, pois de modo breve, modos de subjetivação singulares da docência feminina tecida a seis mãos em processos (auto)formativos inventados de si, como vetores desses outros processos desejanter da humana docência militante e nômade. Processos estes nomeados aqui como posicionamento é ciestéticopolítico que fez emergir produção singular de subjetividades, aproveitando a-contecimentos como experimentações na trajetividade da professoralidade. Como exemplo que nos marcaram destacamos as ocupações estudantis a nos ensinar sobre luta, sobre (re)existência e docência militante e a pandemia do coronavírus na docência online. Docentes que estabeleceram parcerias, co docência, interferindo e sendo interferidos.

Somos marcadas por nossas feminilidades vivenciando a docência. Produzimos politicamente nossas caminhadas de forma a (re)existir diante de alguns marcadores sociais que nos fazem, culturalmente, ter certas dificuldades em avançar nos locais em que territorializamos. Essa pesquisa, tecida por três mulheres, é uma soma de posições e projeções subjetivas de tantas outras mulheres, que produzem conhecimento científico sobre aquilo que

nos afeta diariamente: o encontro da militância docente diante das nossas e outras diversidades e diferenças, que nos povoam no âmbito da educação.

## Referências

- AUAD, Daniela; ROSENO, Eduardo dos. Professoras, feministas e lésbicas: Um continuum de saberes na educação básica. **Brazilian Journal of Development.**, Curitiba, v.7, n.6, p.64209-64231 jun. 2021.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo do. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25 – n. 2, p. 263-280, Maio/Ago. 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- MENEZES; SILVA, Pânico moral: algumas notas rizomáticas sobre a linguagem neutra. V Desfazendo gênero – **V Seminário Internacional Desfazendo Gênero**, Online – 22 a 25 de novembro de 2021.
- TARDIF, Maurice. Saberes Docente e a Formação Profissional. Petrópolis/ RJ, Vozes, 2002. *apud* POWACZUK, Ana Carla H. A construção da professoralidade alfabetizadora. 32<sup>a</sup> *Reunião Anual da ANPED*. **Caxambu, MG: ANPED, out**, 2009.
- PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016. 248p.:il.
- POCAHY, Fernando; SILVA, Ana Lúcia Gomes da; DOURADO, Emanuela Oliveira Carvalho. A cartografia como pesquisa-in(ter)venção do/no presente: modos de/para pensar-fazer a formação docente. **Revista Ciências Humanas - UNITAU, Taubaté/SP - Brasil**, v. 13, n 1, edição 26, Janeiro/Abril 2020.
- SILVA, Ana Lúcia Gomes da; COSTA, Váldina Gonçalves da. O método cartográfico na pesquisa em educação: ateliê de pesquisa como dispositivo formativo. *In*: SILVA, Ana Lúcia Gomes da; COSTA, Váldina Gonçalves da; PEREIRA, Diego Carlos (Orgs.). **Ateliês de Pesquisa**: formação de professores(as)-pesquisadores(as) e métodos de pesquisa em educação. 1. ed. Salvador: Eduneb, 2020. p. 57-142.
- SILVA, Ana Lúcia Gomes da; COSTA, Váldina Gonçalves da; PEREIRA, Diego Carlos. Formação de professores/as pesquisadores/as: contribuições e implicações do método cartográfico para as pesquisas em educação. I: **RECC**, Canoas, v. 23, n. 2, p. 13-27, jul. 2018.
- SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SILVA, Zuleide Paiva da. **Cartografias mapeadas**: contribuições das bibliotecas no contexto dos multiletramentos. Salvador; Edufba, 2022 [prelo].